

Juros altos controlaram a inflação, que fechará 2005 perto da meta estabelecida pelo governo. Por outro lado, o impacto dessa política sobre o crescimento econômico nacional foi desastroso

Economia - Brasil

Produção paga a conta

223

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

66

AS TAXAS ALTAS DERRUBARAM MUITO O CRESCIMENTO, MAS NÃO IMPEDIRAM QUE A INFLAÇÃO FOSSE SUPERIOR AO QUE PREVIA O BC HÁ UM ANO

99

Marcelo Voss, economista-chefe da Corretora Liquidez,

Crise

O peso maior dos juros sobre o crescimento econômico pode ser constatado de forma ainda mais clara ao se detalhar o cenário de referência montado pelo BC para traçar suas projeções. Em dezembro do ano passado, o banco dizia que o aumento de 4% do PIB e o IPCA de 5,3% em 2005 seriam possíveis se a taxa básica de juros (Selic) fosse mantida em 17,75% ao longo deste ano e o dólar ficasse cotado, também durante todo o ano, a R\$ 2,75. Pois o dólar não só caiu para próximo de R\$ 2,20, dando um importante alívio na inflação, como os juros chegaram a bater a 19,75%. "É por isso que muitos economistas afirmam que o BC errou na mão ao fixar a Selic", afirmou o economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ceiro ano consecutivo e todas as projeções indicam que ficará no centro da meta nos dois próximos dois anos".

Na avaliação do diretor do BC, o IPCA deste ano só não ficou na meta perseguida pelo banco, de 5,1%, devido aos resultados da inflação de outubro e novembro, que superaram de longe as previsões mais pessimistas do mercado. Os índices desses meses foram influenciados, sobretudo, pelo aumento dos combustíveis e pela forte recuperação dos preços dos alimentos, que haviam registrado quatro meses seguidos de deflação. Para ele, a política monetária não só acomodou esses desvios, como criou um cenário favorável para o futuro, ao permitir que o país continue crescendo de forma consistente.

Sobre 2006, o BC optou por posicionar-se em um nível intermediário entre as previsões de crescimento para a economia em 2006. A expectativa é de que o PIB tenha incremento de 4%, ante os 3% estimados pela grande maioria do mercado financeiro e os 5% alarmados pelo presidente Lula e pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci. Há, na avaliação de Bevílaqua, uma série de condições para que a economia retome o fôlego, o que, acredita ele, já aconteceu no último trimestre de 2005.

"A massa salarial e o emprego continuarão aumentando, assim como a oferta de crédito. As empresas vão reequilibrar seus estoques, exigindo produção maior. Os indicadores de confiança das empresas e dos consumidores melhoraram. E haverá os efeitos da flexibilização da política de juros iniciada em setembro último", destacou. O melhor de tudo, acrescentou ele, é que o crescimento se dará em um ambiente de preços controlados. As estimativas apontam inflação de 3,8% em 2006 e de 3,6% em 2007.

BEVILAQUA, DO BC:
"A INFLAÇÃO
CAIU PELO TERCEIRO
ANO SEGUIDO"



Edison Rodrigues/CB/29.3.05